

**HERÓIS SEM CAPA, VILÕES SEM MÁSCARA:
O DISCURSO DE ÓDIO REPRESENTADO NA SÉRIE *SUPERGIRL***

Júlia Cavalcanti Versiani dos Anjos¹

RESUMO

A série de televisão *Supergirl* apresentou uma inovação em sua quarta temporada: o grande vilão que a heroína precisou enfrentar não foi um empresário do mal ou um extraterrestre com superpoderes, mas o ódio. A narrativa, portanto, pode ser percebida como um enunciado historicamente situado, que expõe receios contemporâneos. Com base nessa premissa, este artigo tem o objetivo de analisar como a produção trata a questão do discurso de ódio, por meio de uma análise do discurso de inspiração foucaultiana, que compreende enunciados como raridades. O exame do conteúdo foi associado a contribuições teóricas sobre o ódio e seu uso político, de modo a discutir se a série foi pautada por uma visão do senso comum sobre a questão, ou se conseguiu propor uma reflexão crítica sobre este tema. A investigação demonstrou que a narrativa forneceu uma representação crítica acerca da mobilização do ódio, na medida em que colabora para que o fenômeno seja entendido como um problema social e não meramente individual. No que tange a representação do grupo de difusores de ódio e, também, o tema do modo adequado de reação a estes ataques, contudo, a produção acabou por reforçar alguns estereótipos, como o apagamento da participação ativa feminina em grupos de ódio e a necessidade de que movimentos contra essa emoção se apresentem de maneira homogênea.

PALAVRAS-CHAVE: Ódio; Séries de Televisão; Cultura Pop; Gênero.

**HEROES WITHOUT CAPES, VILLAINS WITHOUT MASKS:
HATE SPEECH REPRESENTED IN THE TV SERIES *SUPERGIRL***

ABSTRACT

The TV series *Supergirl* brought an innovation in its fourth season: the great villain that the heroine had to face was not an evil businessman or an ET with super powers, but the hatred. This narrative, therefore, can be perceived as a historically situated statement, which exposes contemporary fears. Based on this premise, this article aims to analyze how the production deals with the issue of hate speech, through a foucaultian speech analysis, which understands statements as rarities. The exam of the production was associated with theoretical contributions on hatred and its political use, in order to discuss whether the series was guided by a common sense view, or if it proposed a critical reflection on this topic. The investigation showed that the narrative provided a critical thinking about the mobilization of hatred, once it portrayed the phenomenon as a social problem and not merely an individual one. Regarding the representation of the

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Mestre pela mesma instituição, com bolsa Capes, tendo defendido dissertação sobre discurso de ódio antifeminista nas redes sociais. Atualmente, é bolsista do CNPq com projeto de pesquisa sobre feminicídio na mídia e integrante do Núcleo de Estudos de Mídia, Emoções e Sociabilidade (NEMES).

group that mobilizes hatred and also the question of the adequate reaction to these attacks, however, the series ended up reinforcing stereotypes, such as the erasure of women's active participation in hate groups and the imperative that movements against this emotion present themselves in a homogeneous way.

KEYWORDS: Hate; TV Series; Pop culture; Gender.

INTRODUÇÃO

A série de televisão *Supergirl*, lançada em 2015, segue os passos de Kara Zor-El, uma jovem que, nascida no distante planeta de Krypton e enviada a Terra como forma de sobrevivência, ganha superpoderes e passa a lutar contra o crime. Se em sua versão original, nos quadrinhos da *DC Comics*, Kara tinha pouco destaque, aparecendo, sobretudo, como apoio ao famoso *Superman*, a proposta da versão televisiva é mostrar que ela pode ser muito mais do que a prima do homem de aço. Ao longo dos primeiros anos da história, ela usou sua superforça para enfrentar diversos vilões, desde um grande empresário que desejava expor sua identidade secreta até seres de outro planeta também dotados de habilidades especiais, passando inclusive por sua própria tia, que intencionava dominar o planeta Terra. Na quarta temporada da produção, entretanto, *Supergirl* foi colocada diante do vilão mais desafiador até então: o ódio.

Desde seu princípio, a série se propunha ao engajamento em discussões políticas, como machismo, homofobia, racismo e xenofobia. No segundo ano, a narrativa começa a abordar a situação dos alienígenas, tão comuns neste universo ficcional, como uma metáfora para a questão da imigração no “mundo real”, chegando a criticar aqueles que “estão construindo um muro” e prometem “tornar o mundo grande de novo”, em uma clara referência à campanha de Donald Trump. A partir da terceira temporada, o texto de abertura dos capítulos identifica a protagonista como uma *refugiada* no planeta Terra. Na fase seguinte da história, porém, este tema é explorado em profundidade. Em boa parte dos episódios, o grande vilão não foi um empresário ambicioso ou outro *alien* em busca de poder e vingança, mas sim um homem comum, que vivia de forma modesta com sua família em uma casa de subúrbio, mas desejava ardentemente a aniquilação não apenas de *Supergirl*, mas de todos os seres que viessem de outro planeta.

Ainda que o antagonista tenha dado origem a um grupo violento que usava máscaras, seu modo preferido de atuação era a retórica: despido de disfarces, ele

proferia livremente mensagens de ódio contra os alienígenas. O personagem chegou a angariar um grande número de apoiadores, conquistando o próprio programa de TV e recebendo um cargo no governo. *Supergirl*, então, foi confrontada com o fato de que a solução para enfrentar esta situação não viria de sua versão heroína com capa, já que as pessoas envolvidas eram uma multidão de *cidadãos de bem*, iguais àqueles que ela costumava resgatar diariamente.

A narrativa aqui analisada, deste modo, pode ser percebida como um enunciado historicamente situado, isto é, que não pode ser separado do entorno social, visto que demonstra preocupações e receios diretamente relacionados à contemporaneidade e “fornece ambientes ficcionais onde constelações de poder historicamente específicas se tornam visíveis” (SHOHAT & STAM, 2014, p. 102).

Partindo desta noção, pretendo observar os sentidos expressos na produção sobre o problema social do ódio por meio de uma análise do discurso de inspiração foucaultiana, que compreende enunciados como raridades: eles apenas existem em condições históricas muito específicas, que não se dão de forma necessária, mas através de mecanismos de poder e saber determinados (FOUCAULT, 2008). E o objetivo desta investigação seria justamente compreender o princípio segundo o qual puderam aparecer estes conjuntos significantes e não quaisquer outros, além de desvelar as relações de poder e luta política que conformaram esta organização de mundo. O que a narrativa da série de televisão *Supergirl* nos revela sobre a crença social acerca do fenômeno do discurso de ódio?

Com este fim, foram selecionados momentos da quarta temporada que colaborem para demonstrar as visões sobre ódio expressas. Esta escolha foi realizada de maneira qualitativa, caracterizada, segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2016), por uma seleção deliberada dos elementos mais significativos para o problema de pesquisa.

O exame do material será associado a reflexões teóricas sobre o ódio e seu uso político, de modo a discutir se a narrativa se pauta por uma visão do senso comum sobre a questão, ou se consegue fornecer uma reflexão crítica sobre este tema que tem se tornado importante não apenas para os moradores da fictícia *National City*, mas para a realidade do Brasil e do mundo.

Em um primeiro momento, examinarei como a série retratou a mobilização do ódio e o primeiro contato da protagonista com a experiência de ser odiada. Em seguida, abordarei o modo como é representado o grupo de ódio em questão – mais especificamente em sua interseção com o gênero, dado que o tema do empoderamento feminino sempre foi um ponto importante para a série em questão. Por fim, discutirei a solução proposta pela história para o conflito, que pode indicar aos espectadores que caminhos são ou não considerados adequados para enfrentar o ódio da vida real.

“MATEM AS BARATAS”: O ÓDIO MOBILIZADO EM *SUPERGIRL*

No primeiro episódio da referida temporada da série, a protagonista começa a investigar crimes cometidos contra alienígenas. Um amigo da personagem, também vindo de outro planeta, argumenta que, sob seu ponto de vista, estavam diante de agressões motivadas por ódio. *Supergirl*, porém, contesta esta ideia, defendendo que o fato de as vítimas serem alienígenas era mera coincidência, e eventuais crimes de ódio eram apenas exceções. Baseada em sua própria experiência positiva, sendo aclamada pela população por sua atuação como heroína, ela não enxergava hostilidade em direção a seres de outro planeta.

A situação se modifica quando, investigando um caso mais a fundo, a personagem descobre que uma das participantes do ataque era uma mulher comum, aparentemente inofensiva, que teve o apoio de pessoas reunidas em um fórum na Internet, no qual circulavam mensagens “matem as baratas” e “humanos, não marcianos”. *Supergirl* percebe, então, que seu amigo estava certo e existe um movimento de ódio contra pessoas como ela.

Por meio deste enredo, a produção acerta em não cair no determinismo tecnológico: no lugar de atribuir a existência de ofensas meramente às ferramentas de redes sociais ou fóruns online, os personagens logo percebem que o verdadeiro problema é a mentalidade das pessoas por trás das telas. Seguindo esta noção, a narrativa passa a demonstrar, nos episódios seguintes, o ódio expresso, também, em discursos e interações face a face de pessoas comuns. Esta representação colabora, portanto, para desconstruir uma concepção muito difundida sobre o ódio: a de que se

trata de uma emoção antissocial, um comportamento isolado, patológico, anormal, exterior ao funcionamento regular da sociedade (CHAVAUD & GAUSSOT, 2008).

Por mais nefasto que possa se tornar, esta emoção dita “antissocial” está, em realidade, amplamente presente na sociedade e funciona como fator decisivo para impulsionar condutas humanas, não apenas ao âmbito psicológico, mas, sobretudo, nos conflitos sociais, culturais e políticos. Deste modo, como alertam Chavaud e Gaussot (2008), o ódio não pode ser tratado simplesmente como uma energia destrutiva ou uma força de dissolução comunitária, uma vez que, em realidade, costuma funcionar como uma espécie de cimento social, na medida em que colabora para construir identidades, delinear moralidades e reforçar valores.

Cada cultura possui objetos de ódio aprovados socialmente que ajudam a estabelecer e corroborar fronteiras entre o certo e o errado, o bem e o mal – ainda que este processo não seja admitido com muita frequência. Ao longo da quarta temporada de *Supergirl*, os seres de outro planeta se tornam alvos de escárnio aprovados por setores da população, visto que o grupo contrário à presença de alienígenas na Terra passa a ganhar cada vez mais adeptos, além de destaque nos meios de comunicação e no governo do país.

Uma análise histórica permite perceber que tal processo não é estranho à realidade. Com efeito, o historiador Peter Gay (1995), coloca no cultivo do ódio o cerne do projeto civilizador da burguesia europeia. Esta emoção permitiu à sociedade vitoriana solidificar-se como um grupo homogêneo e mitigar o temor interno das próprias imperfeições, direcionando a aversão ao *outro* diferente. Assim, o ódio foi cultivado com um propósito: para promover a concórdia interna, foram construídos inimigos. Este procedimento foi adaptado ao universo da série *Supergirl* de maneira interessante: ainda que houvesse uma grande diversidade entre os seres humanos e também entre os personagens vindos de outros planetas, a retórica do grupo antialienígenas passou a retratar de forma homogênea tanto a si mesmos quanto àqueles vistos como rivais, formando uma disputa “humanos *versus* aliens”, como se não houvessem diferenças e contradições dentro de cada um destes coletivos. Esta tática permitiu a união do grupo de humanos contra os alienígenas e a negação dos aliens como um todo.

Assim, a série tratou a questão do ódio como um problema social, fator de união de um grupo de “pessoas comuns”, e não como questão individual, típica das mentes desviantes de *haters*. O mesmo não costuma acontecer com frequência diante de casos de crimes de ódio no mundo real: Clara Lewis (2014), em análise sobre o modo como a mídia retrata perpetradores de crimes de ódio nos Estados Unidos, demonstra que existe uma tentativa de representar aqueles que odeiam como pessoas que não possuem qualquer traço de semelhança com um indivíduo “comum” da sociedade. Nas descrições sobre *haters*, segundo ela, são ressaltados o local humilde de sua moradia, sua educação deficiente, seu histórico de desemprego, entre outros fatores, com o objetivo de situá-los simbolicamente como improdutivos, inúteis e à parte da sociedade.

O procedimento narrativo da série *Supergirl*, porém, difere bastante desta prática, mostrando o líder do movimento contra alienígenas como um homem polido, inteligente e gentil. Ben Lockwood era, também, um professor universitário com uma boa relação com sua família e comunidade. Ao longo da história, o personagem se torna menos equilibrado e bastante violento, mas continua valorizando sua família e apresentando grande carisma, inteligência e poderosa retórica. Lockwood jamais correspondeu à imagem tradicional que se faz dos *haters* como pessoas que vivem atrás de telas e mantêm parco relacionamento social.

Outro ponto interessante da composição deste personagem é que ele não era uma pessoa originalmente preconceituosa. A série demonstra que o discurso de ódio contra alienígenas era algo pré-existente ao personagem, o que ajuda o público a compreender que, ainda que alguns indivíduos potencializem movimentos de ódio, eles não são a única origem desta aversão. Com efeito, no início de sua história, Ben Lockwood, na verdade, se opunha ao seu pai, que se referia aos *aliens* como “baratas” que “infestam os planetas dos outros”, e pedia que ele não falasse nestes termos.

O personagem apenas começou a abraçar o ódio depois de ter perdido sua casa em um ataque alienígena. Durante a ofensiva, seu filho diz que a Supergirl virá salvá-los, e Ben responde que ela não virá, “porque é uma alienígena como os invasores”. Neste momento, portanto, a série demonstra que Lockwood iniciou um processo mental de homogeneização em relação aos seres de outro planeta, sem distinguir mais as diferenças entre eles. Após expressar suas novas opiniões em sala de aula, o

personagem perde o emprego de professor universitário e culpa, também, os alunos alienígenas por isso. A partir daí, passa a se referir aos seres de outro planeta como “baratas” e defender que são perigosos. Lockwood começa, também, a distribuir panfletos na rua para difundir suas ideias antialienígenas, perguntando aos transeuntes “você é um cidadão preocupado?” e “você teme pelas suas crianças?”.

Figura 1: Personagem Ben Lockwood distribui panfletos com ideologia antialienígenas²



Fonte: Supergirl.tv³

Este tipo de discurso deixa clara uma importante característica do ódio: aqueles que o sentem costumam ressignificá-lo de maneira positiva, como reação justa a um dano. Mesmo que a aversão extrema a certo grupo esteja de acordo com a moralidade do indivíduo ou do grupo, o ódio é raramente reivindicado. Devido à carga marcadamente negativa desta emoção, é preferível dissimulá-la ou renomeá-la (CHAVAUD & GAUSSOT, 2008).

É possível, porém, elencar alguns parâmetros que colaboram para identificar quando o ódio está sendo, de fato, mobilizado. Aurel Kolnai (1998) ressalta como particularidade definidora desta emoção um comprometimento voluntário com a hostilidade no sentido de destruição (física ou simbólica) de seu objeto, para além de uma mera reação a ameaça. O ódio seria, assim, um desejo de destruição que adquire importância por si mesmo, independente de considerações sobre segurança. A

² Visto que a Netflix não permite a realização de capturas de tela durante a exibição das séries na plataforma, a autora optou por ilustrar cenas da produção analisada por meio das imagens oficiais disponibilizadas pela divulgação da série.

³ Disponível em: <https://supergirl.tv/season-4-episode-3-gallery>. Acesso em: 06/09/2020.

experiência de inimizade característica do ódio se torna importante para a história do indivíduo e passa a representá-lo.

A narrativa da série analisada confere sinais deste tipo de relação do indivíduo com o ódio. Após engajar-se com o pensamento de aversão a seres de outro planeta, o personagem Ben Lockwood já não consegue mais seguir seu curso normal de vida: ele decide dedicar-se integralmente a sua causa, que se torna sua identidade. Essa relação intensa entre o sentimento de hostilidade e o sentido individual também se expressa no pai do personagem, que, em seu leito de morte, pronunciou como últimas palavras ao filho “este mundo é seu, levante-se e lute pelo que é seu”.

Esta frase do pai de Lockwood colabora, também, para que se possa perceber outra característica do ódio: ele é criado por meio de narrativas. Isto quer dizer que, nos discursos de ódio, como explica Sara Ahmed (2014), costumam estar presentes alguns elementos: um sujeito que está em perigo e um *outro* imaginado, cuja mera proximidade ameaça não apenas o sujeito e seu objeto de amor, mas quer tomar o seu lugar.

Em resumo, a mobilização do ódio, segundo Ahmed (2014), muitas vezes envolve uma reescritura da História. A partir desta ideia, torna-se interessante a escolha da série *Supergirl* por tornar seu antagonista um professor dessa disciplina. Em diversos momentos da temporada, o personagem faz referência a eventos históricos e utiliza seus conhecimentos nessa área para formar seus argumentos. Ele diz, por exemplo, que, no futuro, os alienígenas teriam uma nova versão do Dia de Ação de Graças – enquanto os norte-americanos comemoram o momento em que os colonos do século XVII confraternizaram com os nativos indígenas, os *aliens* celebrariam a época em que conviviam com os humanos e conseguiram enganá-los e exterminá-los. O personagem, portanto, age reescrevendo a história ao aproximar seu contexto atual à situação totalmente diversa dos indígenas americanos durante o momento da colonização de suas terras pelos ingleses (SUPERGIRL, T4E6, 22’43’’).

Criar tais narrativas propicia ao sujeito formas de justificar para si mesmo e para os demais o ódio que sente. Segundo Sternberg e Sternberg (2008), a configuração destas histórias de ódio costuma seguir cinco passos. Primeiramente, o grupo odiado se revela como execrável, culpável pelos seus erros e condenado para além da salvação. Em seguida, precisa existir também a noção de que o problema ainda é corrente, de que

existe um plano em ação, se desenrolando a cada minuto, o que confere ao grupo que odeia um senso de urgência e desespero. O terceiro ponto se daria diante da sensação de que o inimigo não apenas possui um plano, mas está se tornando mais poderoso e difícil de ser contido. O próximo passo ocorre quando surge a ideia de que o grupo contrário já partiu para ação e, portanto, não é mais apenas uma ameaça hipotética. A etapa final seria a sensação de que a classe odiada está obtendo vitórias e sucesso em suas ações.

Estes componentes do discurso de ódio demonstrados por Ahmed (2014) e Sternberg e Sternberg (2008) estão presentes nas manifestações antialienígenas escritas para a série *Supergirl*. Quando a protagonista descobre a existência do grupo armado criado por Ben Lockwood, chamado “Filhos da Liberdade”, ela questiona quem são essas pessoas, e obtém como resposta “um grupo que sabe que nosso país é dominado por alienígenas e que é hora de lutar”. Em uma fala durante um evento dos Filhos da Liberdade, seu líder pergunta à multidão:

Quantos de vocês perderam seus empregos? Quantos de vocês perderam as casas por causa de um ataque de aliens? Quantos de seus filhos seguem tendo pesadelos? Quantos de vocês estão procurando empregos, empregos que vocês não conseguem. Por quê? Porque vocês não têm superforça. A lei diz ‘não discriminem’. Mas é sempre ‘protejam os aliens, protejam os aliens’. Quem vai nos proteger? (SUPERGIRL, T4E3, 35’48’’).

Este discurso apresenta a audiência como sujeitos em perigo e os *aliens* como *outros* cuja mera existência representa um perigo não apenas aos adultos mas também às crianças. Por meio da referência ao desemprego, o orador coloca no grupo do odiado a única razão para este amplo e complexo fenômeno, argumentando que os *aliens* tomam o lugar dos cidadãos de bem no mercado de trabalho. Os seres de outro planeta, portanto, aparecem como sujeitos execráveis e culpados, que têm causado diversos prejuízos aos humanos e conseguido vitórias e proteção da lei, o que confere uma urgência ao seu clamor contra eles.

Os fatores mencionados até então demonstram que a representação do discurso de ódio na produção está acurada em relação à realidade do fenômeno, e colabora para demonstrar que estas falas não se resumem a simples manifestações irracionais de agressividade, mas sim têm como base certa percepção da realidade, que se apresenta como uma narrativa coerente e convincente para determinado grupo de pessoas, de tal

modo que se torna, na visão deste público, a verdade sobre os indivíduos tematizados (ANJOS, 2019).

Se a produção acertou no modo de representar a criação, mobilização e difusão do ódio, o próximo passo neste estudo é avaliar como foram demonstrados os participantes deste grupo que odeia, para além de seu já mencionado líder. Mais especificamente, interessa avaliar como foi a participação feminina neste quesito, uma vez que a série em questão foi pautada, desde seu início, por uma preocupação com a representatividade feminina, inclusive no lado dos “vilões”. Resta, portanto, questionar: em *Supergirl*, as mulheres também fazem parte de grupos que mobilizam ódio? O que esta presença ou ausência pode indicar sobre a visão social acerca da participação feminina nestes movimentos?

ÓDIO E GÊNERO: A PARTICIPAÇÃO FEMININA EM GRUPOS DE ÓDIO NA SÉRIE *SUPERGIRL*

Os amantes das histórias em quadrinhos conhecem muito bem o personagem Lex Luthor, um dos principais inimigos do *Superman*. Já Lena e Lillian Luthor são figuras menos célebres. A irmã e a mãe do vilão, entretanto, ganham grande destaque em *Supergirl*. Lena, uma personagem complexa, constantemente entra em embates com Supergirl, mas se torna sua aliada, além de amiga de Kara Danvers, identidade secreta da heroína. Lillian Luthor, por sua vez, se une a nomes como Astra, Rhea, Indigo, Reign e Livewire em uma longa lista de vilãs femininas que a protagonista enfrenta ao longo das temporadas da série.

Nota-se, portanto, que a produção se engaja na busca por uma prática narrativa que não relegue personagens femininas a papéis rasos e inexpressivos. Ao longo da temporada aqui analisada, porém, esta atitude não prevaleceu em relação à representação do grupo de ódio rival à protagonista. Certamente, o mero fato de que os principais vilões da temporada sejam homens não é problema. Na verdade, é possível que esta tenha sido uma escolha deliberada, com o objetivo de abordar o fato de que a xenofobia, muitas vezes, anda acompanhada de outros tipos de ódio, como a misoginia (SUNDÉN E PAASONEN, 2018), o que dificultaria a ascensão de mulheres na hierarquia de grupos de ódio supremacistas como o retratado.

Existe, contudo, uma questão para além da liderança do movimento representado na série. A narrativa de *Supergirl* costumeiramente conferia aprofundamento mesmo às personagens femininas secundárias, como, por exemplo, os interesses amorosos dos amigos da protagonista. O mesmo não aconteceu com as mulheres que participavam do movimento liderado por Ben Lockwood. Apenas duas tiveram nome revelado pela narrativa: uma delas aparece somente no já mencionado momento em que *Supergirl* entra em contato com o discurso antialienígena pela primeira vez, e a outra se trata de Lydia Lockwood, esposa de Ben Lockwood.

Chama a atenção o fato de que Lydia foi relegada a um papel completamente inexpressivo, com diminuto tempo de tela e quantidade de falas, sem atuar em contextos separados do filho e do marido ou dialogar com outras mulheres. A produção, assim, acabou recuperando uma tradição do mercado televisivo no sentido de retratar mulheres definidas pelo fato de serem donas de casa ou por suas relações familiares com homens (DOW, 2005).

Inicialmente, Lydia Lockwood repreendia o sogro quando ele mencionava os alienígenas de maneira ofensiva, chamando-os de “baratas”, mas, quando seu marido começou a fazer o mesmo, ela não demonstrou nem contrariedade nem concordância. A produção não inclui cenas em que Lydia aconselha ou dá sugestões ao marido: ela apenas acompanha o curso dos acontecimentos de forma passiva, sem expressar o que pensa sobre os ideais dos Filhos da Liberdade.

Imagem 2: Primeira cena da personagem Lydia Lockwood, em que ela repreende o sogro por usar termos ofensivos contra os alienígenas



Fonte: Supergirl.tv⁴

A senhora Lockwood só manifesta claramente um posicionamento quando o marido é preso e, mesmo assim, isso se resume a bradar alguns gritos de ordem em frente à penitenciária. É importante destacar que o único fator que fez com que a personagem se pronunciasse mais claramente foi algo ocorrido não a ela, mas a seu esposo. Ainda assim, seu momento de destaque não durou mais que alguns segundos – enquanto o líder dos Filhos da Liberdade estava encarcerado, foi seu filho adolescente quem assumiu uma função de porta-voz do pai. Lydia Lockwood volta a aparecer na história apenas para ser assassinada e, assim, servir como catalisadora da revolta do marido.

A escritora de histórias em quadrinhos Gail Simone idealizou o termo *fridging* (algo como “congelamento” em português)⁵ para designar este clichê narrativo da morte violenta de uma personagem feminina que serve apenas para motivar o protagonista masculino. A ideia surgiu a partir do incômodo de Simone com a história de uma revista do Lanterna Verde lançada em 1994, em que a namorada do protagonista é assassinada e seu cadáver é guardado em um refrigerador na casa do herói para fazê-lo sofrer. A crítica proposta por Gail Simone e adotada por outros autores dos estudos da representação feminina (CURTIS, CARDÓ, 2017; COCCA, 2016; BROWN, 2011) não defende, evidentemente, que a morte de mulheres jamais pode ocorrer nestes enredos, mas sim que estes eventos aconteçam como resultado das ações ou arcos narrativos das

⁴ Disponível em: <https://supergirl.tv/season-4-episode-3-sneak-peek-2>. Acesso em: 08/09/2020.

⁵ Mais informações em: <https://www.lby3.com/wir/>. Acesso em: 09/09/2020.

próprias personagens, em lugar de meras reviravoltas úteis para avançar a história de um protagonista masculino.

Percebe-se, portanto, que, em *Supergirl*, a personagem que poderia mostrar a articulação do ódio antialienígena em sua feição feminina foi tratada por meio de clichês e, posteriormente, apagada da história, em um procedimento narrativo que, inclusive, vai contra a prática da própria série, a qual tipicamente prezava por construir personagens femininas complexas.

De acordo com a diretriz da análise do discurso foucaultiana, não cabe conjecturar o que os responsáveis pela produção “quiseram dizer” com esta escolha narrativa ou o que está “por trás” desse texto, mas sim compreender as condições de existência do enunciado – o que o fez surgir em detrimento de outros possíveis – e “reconhecer, nas diferentes formas da subjetividade que fala, efeitos próprios do campo enunciativo” (FOUCAULT, 2008, p. 138).

É possível questionar, então, que a construção da personagem Lydia Lockwood se inseriu em um campo enunciativo que se pautou pelo apagamento do lugar da mulher em grupos de ódio formados por “cidadãos comuns”. Ainda que a série tenha apresentado, ao longo das três temporadas anteriores, outras vilãs que expressavam toda uma miríade de emoções hostis e agiam de maneira violenta, elas costumavam ser movidas por ressentimento, vingança pessoal, ambição e desejo de poder, ou eram seres de outras espécies e planetas que viam os humanos como inferiores.

Nesta temporada, porém, o objetivo era, segundo os *showrunners* da produção, “contar histórias que fossem mais fundamentadas na realidade”, abordando a “divisão” existente nos Estados Unidos e o “medo de parte da população sobre o que os *aliens* estão fazendo ao país”⁶. A realidade de tais movimentos políticos de aversão que dividem não apenas os Estados Unidos como também diversos outros países, entretanto, é que eles não prescindem de uma ativa participação feminina.

O ódio racial serve como potente exemplo de como mulheres participaram e ainda participam da mobilização e difusão de aversão contra o *outro*. Angela Davis (1983) denuncia o racismo presente no movimento a favor do sufrágio feminino,

⁶ Tradução livre de trechos de entrevista com os *showrunners* da série. Considere-se que o termo “alien”, em inglês, é utilizado para designar não apenas seres de outro planeta, mas estrangeiros em geral e, comumente, de forma ofensiva. Conteúdo disponível em: <https://ew.com/tv/2018/10/10/agent-liberty-supergirl-season-4-promo/>. Acesso em: 09/09/2020.

demonstrando como as líderes da National American Woman Suffrage Association (NAWSA) se posicionaram contra o direito ao voto para ex-escravos e se associaram a supremacistas brancos. Um episódio emblemático neste sentido foi uma marcha em 1913, em que a sufragista Ida B. Wells, mulher negra, foi impedida de se manifestar ao lado de suas colegas brancas, sendo instruída a dirigir-se ao final da marcha e unir-se ao grupo composto unicamente por militantes negras. Tal decisão foi tomada pela liderança da NAWSA como uma forma de atrair para a causa o apoio das mulheres brancas dos estados do Sul do país, que eram contra a integração racial. Este episódio mostra que não apenas as mulheres ditas progressistas expressaram ódio contra pessoas negras, como também ressalta a importância da presença feminina em meio ao grupo de supremacistas brancos.

É importante ressaltar que, tanto nos séculos passados quanto nos dias atuais, mulheres que se posicionam contra outras mulheres não necessariamente estão sendo “manipuladas” por líderes homens. Em uma estrutura racista patriarcal em que o ódio é fator de coesão social, indivíduos de alguma forma privilegiados – entre os quais se encontram mulheres – agem de forma ativa no sentido de conservar seu *status*. Como lembra Audre Lorde:

(...) é mais fácil para mulheres brancas acreditar na perigosa fantasia de que se você for boa o suficiente, bonita o suficiente, doce o suficiente, ensinar as crianças a comportar-se, odiar as pessoas certas e casar com os homens certos, então a você será permitido coexistir com o patriarcado em relativa paz (LORDE, 1984, p. 119, tradução livre)⁷.

A frase de Lorde destaca que, muitas vezes, o ódio ao *outro* funciona quase como um pré-requisito para que mulheres pertençam a determinado grupo: tão importante quanto seguir os atributos tradicionalmente associados ao feminino é sentir aversão àqueles considerados degenerados. Assim, ainda que também sofram opressões e se encontrem em posições de vulnerabilidade por seu gênero, algumas mulheres difundem ódio como forma de garantir o pertencimento a uma classe privilegiada.

Até o momento, demonstrei como *Supergirl* representou a mobilização e difusão de discurso de ódio, e como tratou a relação entre esta emoção e o feminino. A

⁷ No original: “it is easier once again for white women to believe the dangerous fantasy that if you are good enough, pretty enough, sweet enough, quiet enough, teach the children to behave, hate the right people, and marry the right men, then you will be allowed to co-exist with patriarchy in relative peace”.

produção apresentou um desempenho muito proveitoso na primeira empreitada, abordando o ódio para além da visão do senso comum, que costuma enxergar esta emoção como típica de indivíduos isolados e irracionais. A narrativa, entretanto, acabou por reforçar estereótipos sobre o ódio em sua interseção com o gênero, representando a parte feminina do grupo opressor como passiva e desprovida de importância. A produção, deste modo, não contribuiu para mostrar a atuação das mulheres como um relevante componente dos movimentos de ódio ao diferente do passado e da atualidade. Após investigar a origem do ódio e os sujeitos envolvidos em sua difusão em *Supergirl*, a próxima questão a ser avaliada neste artigo é o modo como foi retratada a reação dos indivíduos oprimidos ao ódio que recebem.

O BEM CONTRA O MAL? REAÇÕES AO ÓDIO EM *SUPERGIRL*

A visão de grupos de manifestantes rivais, separados por barreiras, se tornou muito comum nos noticiários ao abordar conflitos políticos ao redor do mundo. Além dos Estados Unidos⁸, país no qual se localizaria a fictícia *National City* de *Supergirl*, este fenômeno pôde ser observado em locais como Brasil⁹, Bolívia¹⁰, Espanha¹¹, Inglaterra¹², e também se fez presente na quarta temporada da série aqui analisada. Em diversos momentos, militantes contrários aos direitos dos alienígenas protestam simultaneamente aos defensores dos seres de outros planetas. Enquanto a retórica do movimento *antialien* representado na produção, como foi visto, segue a lógica *nós contra eles* (há, inclusive uma cena em que a multidão grita exatamente a frase “nós ou eles!”), os alienígenas liderados por *Supergirl* e seus amigos buscam pautar suas manifestações em torno da ideia de paz e união entre eles e os humanos.

A narrativa, contudo, parece promover uma complexificação desta dualidade “bem contra o mal” ao trazer para a história um novo personagem. Manchester Black já

⁸ Mais informações em: <https://veja.abril.com.br/mundo/manifestantes-pro-e-contra-trump-se-confrontam-nos-eua/>. Acesso em: 07/09/2020.

⁹ Mais informações em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2016/08/24/corredor-da-democracia-sera-usado-novamente-no-julgamento-do-impeachment-de-dilma-rousseff/>. Acesso em: 07/09/2020.

¹⁰ Mais informações em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/10/31/choque-entre-partidarios-e-opositores-de-evo-morales-deixa-dois-mortos-na-bolivia.ghtml>. Acesso em: 07/09/2020.

¹¹ Mais informações em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/10/26/barcelona-tem-novos-protestos-pela-libertacao-de-separatistas-da-catalunha.ghtml>. Acesso em: 07/09/2020.

¹² Mais informações em: <https://oglobo.globo.com/mundo/manifestantes-batem-ponto-todos-os-dias-no-parlamento-contra-a-favor-do-brexit-23928119>. Acesso em: 07/09/2020.

era figura conhecida dos fãs das histórias em quadrinhos do *Superman*, agindo como uma espécie de anti-herói, que entrava em embate com a *Liga da Justiça* por acreditar que sua atuação deveria ser mais agressiva¹³. Na versão televisiva, ele ensaia uma aliança com *Supergirl* contra os Filhos da Liberdade, interrompida quando seus modos violentos e inescrupulosos são revelados e revoltam a protagonista.

A inserção deste personagem poderia colaborar para mostrar que movimentos sociais não se apresentam de maneira homogênea, geralmente caracterizando-se por uma diversidade de formas de atuação. O movimento contra os alienígenas, inclusive, possuía uma face mais polida e baseada no discurso – que era a preferida do vilão Ben Lockwood – e um braço armado, composto por homens mascarados que organizavam ataques de violência física contra alienígenas. A narrativa da série, porém, colocou as duas faces do movimento alienígena em colisão.

Discursos raivosos e manifestações pacíficas, entretanto, podem ter papéis complementares. Segundo Lepoutre (2018), as abordagens pacíficas pela promoção da justiça muitas vezes se beneficiam da articulação da raiva feita por outros grupos. O contraste entre os dois tipos de discurso, inclusive, faz com que os manifestantes mais tranquilos pareçam mais razoáveis. A autora cita o exemplo de Martin Luther King e Malcolm X, que lutavam, ainda de que maneiras distintas, pelos direitos da população negra:

E, de fato, sem o contraste com a raiva violenta de Malcolm X, muitos brancos poderiam ter considerado a visão de King de amor interracial muito extrema para valer a pena ouvir. Assim, alterando as normas vigentes sobre o que é considerado razoável, o discurso raivoso pode ajudar as perspectivas não-raivosas a ganhar aceitação (LEPOUTRE, 2018, p. 22)¹⁴.

Este não foi, contudo, o caminho escolhido pela produção *Supergirl*, que constrói a jornada de Manchester Black cada vez mais em direção a um radicalismo violento, fazendo com que os dois lados do movimento alienígena não consigam estabelecer um diálogo ou qualquer tipo de cooperação.

¹³ Mais informações em <http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/manchester-black/9294>. Acesso em: 07/09/2020.

¹⁴ No original: “And indeed, without the contrast with Malcolm X’s violent rage, many Whites may have deemed King’s vision of interracial love too extreme to be worth listening to. Thus, by altering prevailing norms of what counts as reasonable, angry speech can help non-angry perspectives gain uptake”.

A personagem *Supergirl* desejava mostrar ao público que os *aliens* eram cidadãos pacíficos que jamais “se rebaixariam ao mesmo nível” de seus rivais. Os alienígenas revoltados e os Filhos da Liberdade, porém, não estavam no mesmo nível. Ben Lockwood havia ganhado um programa de televisão onde defendia a atuação dos Filhos da Liberdade; após ser preso, acabou sendo liberado porque seus atos de violência à frente do grupo armado não foram considerados terroristas – o presidente do país considerou que a lei antiterrorismo apenas protegia humanos. Na sociedade retratada pela série, portanto, as vidas dos alienígenas foram consideradas pelo governo como menos importantes e dignas de luto, em um claro exemplo de que “as democracias também podem odiar” (THORUP, 2018, p. 234)¹⁵. Além de conceder a liberdade a Ben Lockwood e cancelar sua atuação, o presidente o convidou a formar parte do governo. Sendo assim, considerar a atuação violenta de alienígenas como semelhante ao movimento liderado por Lockwood é uma falsa simetria, visto que ambos partem de lugares de poder bastante diferentes.

Figura 3: Personagem Ben Lockwood em seu gabinete oficial como chefe do Departamento de Assuntos Alienígenas



Fonte: Supergirl.tv¹⁶

Outro ponto bastante problemático deste tipo de narrativa é colocar como responsabilidade do grupo oprimido a patrulha e homogeneização de seus adeptos,

¹⁵ No original: “democracies can hate too”.

¹⁶ Disponível em: <https://supergirl.tv/season-4-episode-17-gallery>. Acesso em: 07/09/2020.

privilegiando uma *limpeza* do movimento em vez de enfrentamento do grupo opressor. Em muitos momentos da quarta temporada da série, enfrentar Manchester Black se torna o principal objetivo da protagonista, que desvia sua atuação pela defesa dos alienígenas para buscar e confrontar Black e até mesmo proteger Ben Lockwood de seus ataques. Após a derrota do grupo de alienígenas mais radicais, a série volta a trabalhar com a oposição mais simples entre “opressores violentos” e “oprimidos mansos”. A produção abdica, então, da tarefa de tematizar tópicos relevantes como o uso da raiva como reação ao ódio, trabalhado por autoras do feminismo negro como bell hooks (1995) e Audre Lorde (1997, 1984).

Para hooks (1995), a resistência ao ódio por meio da raiva tem um papel humanizador. Segundo a autora, a cultura branca dominante oferece a figura da vítima santa e passiva como um substituto para uma transformação real da sociedade. E quando a população negra abraça esta ideia de ativismo inofensivo, abre mão de utilizar a raiva de forma política.

A raiva sofre de maneira mais destacada com um estigma que pauta boa parte do pensamento sobre emoções no senso comum, vistas como forças desordenadas, que podem levar ao caos e prejudicam o pensamento do indivíduo. Como assevera a antropóloga Catherine Lutz, “uma das suposições culturais mais difundidas sobre a emoção é de que ela é a antítese da razão ou da racionalidade” (LUTZ, 1988, p. 59, tradução livre)¹⁷. Este discurso foi utilizado historicamente contra mulheres, povos colonizados e classes subordinadas, tradicionalmente considerados como “mais ligados às emoções” e, assim, taxados de descontrolados e perigosos ao realizar demandas políticas.

No caso específico da raiva, Ute Frevert (2011) alerta que, desde a Antiguidade, ela é vista como privilégio dos poderosos: apenas aqueles que estivessem no topo da hierarquia social poderiam demonstrá-la abertamente sem sofrer represálias. Mesmo no século XVIII, quando se esperava dos homens de classe alta um comportamento polido e “civilizado”, a eles era permitido expressar o que se considerava uma *raiva nobre*, isto é, aquela que surgia pela indignação moral diante de uma injustiça cometida aos “fracos”. Apenas os homens adultos, entretanto, eram considerados aptos para sentir

¹⁷ No original: “One of the most pervasive cultural assumptions about the emotional is that it is antithetical to reason or rationality”.

esta emoção na medida correta e controlá-la devidamente, enquanto “mulheres e crianças eram vistos como seres a quem faltava força moral e disciplina para moderar seus afetos” (FREVERT, 2011, p. 94, tradução livre)¹⁸. Assim, a raiva expressa por estes indivíduos considerados frágeis seria excessiva, insensata e até mesmo perigosa.

Esta visão sobre a raiva ainda pode ser encontrada nos discursos produzidos na atualidade. Hooks (1995) ressalta o papel da mídia em difundir a crença da irracionalidade da raiva de pessoas negras ao bombardear o público com imagens de indivíduos não brancos associados à violência e à destruição, sua raiva sendo taxada como inútil e injustificada.

Hooks (1995) e Lorde (1997) defendem, ao contrário, que a raiva colabora para trazer clareza, pode funcionar de maneira construtiva e curativa e é inclusive *necessária* para a ação revolucionária e uma *reação justa* para o racismo: “a raiva comunicada e traduzida em ação a serviço da nossa visão e do nosso futuro é um ato de esclarecimento libertador e fortalecedor (...). A raiva está carregada de informação e energia” (LORDE, 1997, p. 280)¹⁹. Deste modo, enfrentar a raiva em si não deveria ser o objetivo de uma luta social, uma vez que, se realmente desejamos acabar com a raiva, deveríamos atacar a verdadeira origem do problema, que é o ódio racista.

É importante, portanto, diferenciar o ódio da raiva. Segundo Lorde (1984; 1997), a raiva é uma paixão de descontentamento que pode ser excessiva ou mal utilizada, mas não necessariamente prejudicial, uma vez que seu objetivo é a mudança, enquanto o ódio é um hábito emocional ou atitude mental destrutiva. Vale destacar a escolha de termos da autora: enquanto a raiva é descrita como uma *paixão* que emerge diante de uma situação de injustiça clamando por corrigi-la, o ódio é um *hábito*, que se mantém ao longo do tempo e causa destruição.

Para enfrentar o ódio, a personagem *Supergirl*, porém, abriu mão da raiva e até mesmo de seus superpoderes, optando por fazer uso da informação. Como a jornalista Kara Danvers, sua identidade secreta, ela escreveu reportagens mostrando como os aliens são bons cidadãos, com o objetivo de desmontar o preconceito em torno deles (SUPERGIRL, S4E5).

¹⁸ No original: “Women and children were regarded as lacking the moral willpower and discipline to moderate their affects”.

¹⁹ No original: “But anger expressed and translated into action in the service of our vision and our future is a liberating and strengthening act of clarification (...) Anger is loaded with information and energy”.

Além disso, a narrativa insere o personagem Lex Luthor na equação. O poderoso empresário, inimigo de longa data dos kryptonianos, forjou um atentado contra a Casa Branca em nome de *Supergirl*, e apresentou-se como aquele que poderia remediar a situação, pois, com sua tecnologia, era o único com poderes para enfrentar a garota de aço.

O discurso de ódio de Ben Lockwood tornou-se, ao final, um instrumento que serviu ao sucesso da estratégia de Lex Luthor. As ações do ex-professor universitário ao longo da trama colaboraram para, aos poucos, virar a opinião pública contra a *Supergirl*, o que, ao final, tornou crível a ideia de que a heroína que até então salvava a todos seria capaz de fazer um atentado ao presidente. O próprio Ben Lockwood, porém, não imaginava que se tornaria mera ferramenta para Lex Luthor, e se sentiu enganado.

Ainda que, para enfrentar o antigo inimigo dos kryptonianos, a protagonista tenha precisado usar seus poderes, ela atribuiu mais importância à sua atuação como jornalista. Na pele de sua identidade secreta Kara Danvers, ela construiu um dossiê contra o vilão, detalhando todas as etapas do seu plano e como o ódio contra alienígenas foi instrumentalizado por ele. No último episódio da temporada, portanto, a personagem diz a seus amigos que “o quarto poder salvou o dia” (SUPERGIRL, S4E22, 35’13’’).

Esta estratégia de atuação está vinculada não apenas à ideia de um grande poder da imprensa, mas também à noção de que as emoções estão diretamente ligadas aos valores humanos e àquilo em que acreditamos. Martha Nussbaum (2004) destaca que as emoções, comumente vistas como forças corporais descontroladas, na verdade, envolvem crenças comumente bastante complexas sobre o objeto ao qual se dirigem.

A autora lembra que Aristóteles já insistia neste ponto em sua obra sobre retórica, na qual ele ensinava jovens oradores a mobilizar emoções em sua audiência ao fazê-la crer em certas ideias. Baseando-se neste ponto de vista, Nussbaum destaca que crenças são as bases fundamentais para que possamos experimentar emoções: “Cada tipo de emoção está associado a uma família de crenças específica de modo que, se uma pessoa não acredita ou deixa de acreditar na família de crenças relevante, não sentirá ou deixará de sentir a emoção” (2004, p. 26, tradução livre)²⁰.

²⁰ No original: “Each type of emotion is associated with a specific family of beliefs such that, if a person doesn’t have, or ceases to have, the beliefs in the relevant family, she will not have, or will cease to have, the emotion”.

Esta via de pensamento abandona a visão das emoções meramente como questões psíquicas e individuais e passa a ressaltar sua poderosa função social e política. Tanto nos dias atuais como no passado, as emoções fazem parte de estratégias comunicacionais de engajamento político, mobilizadas por meio da construção de crenças sobre que grupos devem ser considerados bons, maus, corretos ou perigosos (MEDEIROS, 2020).

A série *Supergirl*, como foi visto, conferiu diversos exemplos deste tipo de retórica emocional baseada em crenças. Ben Lockwood se esforçava para convencer sua comunidade de que os alienígenas eram ameaçadores, seres inerentemente maus que desejavam o extermínio da raça humana, merecendo, por isso, não apenas o medo, mas também a ira – como paixão violenta – e o ódio – como hábito de aversão – dos cidadãos de bem. Kara Danvers, por sua vez, agiu no sentido de desarticular a família de crenças que embasava as ditas emoções aversivas, substituindo-as por outras, como a noção de que os seres de outro planeta eram pacíficos e não representavam qualquer ameaça, e de que o ódio contra eles servia a interesses políticos escusos.

Vale recordar, entretanto, que o ódio apresenta algumas características diferentes em relação às outras emoções. Por mais que acreditasse na força da retórica para criar e desfazer emoções, Aristóteles também ressaltava a dimensão de persistência do ódio. Este tipo de aversão se destaca por seu caráter irremediável: em *Retórica das Paixões*, o filósofo defende que o ódio é incurável. Ele sublinhava, ainda, expansividade desta emoção, que pode ser dirigida a classes inteiras de pessoas, mesmo sem que se haja mantido qualquer contato com estas (ARISTÓTELES, 2000).

Ainda que a opinião de Aristóteles seja considerada distante da realidade atual, estudos mais recentes também caracterizam o ódio como uma emoção “teimosa”, isto é, “extraordinariamente resistente à transformação” (BRUDHOLM, 2010, p. 309). Além disso, há que se atentar, como foi discutido no primeiro tópico deste trabalho, para o papel político do ódio na manutenção de estruturas e hierarquias sociais.

Colocar estas ideias em perspectiva colabora para a análise da narrativa construída pela série *Supergirl* sobre o enfrentamento de movimentos de ódio. A história, em resumo, reforça a divisão entre “grupo do bem” e “grupo do mal”, em que o primeiro se apresenta de maneira completamente pacífica e, por meio de manifestações

ordeiras e argumentos racionais, consegue, no curso de alguns meses, desarticular por completo não apenas a facção dos vilões, mas a aversão antialienígena como um todo, entre a população. Ao final do quarto ano de *Supergirl*, o problema do ódio contra alienígenas é visto como tendo sido *resolvido*, e a protagonista passa a enfrentar outros vilões no arco narrativo seguinte.

Esta narrativa pode ser vista como um enunciado historicamente situado em meio a uma sociedade que se sente desconfortável com a polarização que pauta a política em diversos lugares do mundo e deseja um *fim* para o ódio, porém tem dificuldade de compreender o real lugar desta emoção nas relações sociais. Uma vez que a aversão extrema possui um papel político na sustentação de estruturas de dominação – não apenas nos dias de hoje, como também em diversos momentos da história da humanidade – não é possível exterminá-la sem uma mudança social drástica. De fato, a própria ideia de que seja viável *acabar* com o ódio em toda a sociedade meramente por meio do diálogo faz parte de uma tendência social a almejar um estado idealizado de total harmonia e paz que, de fato, jamais existiu (CHAVAUD, GAUSSOT, 2008; WHILLOCK, SLAYDEN, 1995). Na realidade, o ódio é um antagonista que continuaria reaparecendo, por muitas temporadas, para seduzir vilões sem máscaras e desafiar heróis sem capas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou uma análise da maneira como a série de televisão *Supergirl* trata o tema do discurso de ódio: que significados são difundidos sobre a mobilização e difusão desta emoção, quem seriam os sujeitos que movimentam esta aversão e como os indivíduos a quem o ódio se direciona poderiam reagir a ele. As respostas conferidas pela produção para essas perguntas dão pistas para compreendermos crenças difundidas socialmente acerca não apenas do ódio, mas também de emoções em geral, além da participação em movimentos sociais, entre outros temas.

O primeiro ponto que se destaca na narrativa de *Supergirl* é a desconstrução de uma concepção sobre o ódio que, segundo a literatura especializada, é bastante difundida: a ideia de que esta emoção é antissocial, típica de indivíduos isolados e

anormais. A produção representa, ao contrário, o ódio como uma emoção que tem a capacidade de unir e que é sentida por pessoas comuns. O grande vilão da temporada, Ben Lockwood, não corresponde à imagem tradicional que se faz dos *haters* como indivíduos que vivem atrás de telas e mantêm pouco relacionamento social, o que colabora para renovar a discussão em torno da mobilização do ódio. A série demonstra, além disso, como esta emoção se torna importante para a identidade do sujeito e costuma ser difundida por meio de narrativas que criam a imagem do grupo odiado como uma grande ameaça.

Ao analisar a representação conferida pela série para o grupo responsável pela difusão do ódio contra alienígenas, foi possível perceber que a participação feminina neste movimento é praticamente nula. Mais especificamente, a única personagem feminina recorrente e com nome foi apagada da narrativa de forma violenta e serviu apenas para catapultar o desenvolvimento do vilão masculino. Este fato chama a atenção, sobretudo, porque a série apresenta um histórico de criação de personagens femininas complexas mesmo em papéis secundários. Ainda que os *showrunners* tenham expressado o desejo de abordar um tema próximo à realidade social nesta quarta temporada, e que o engajamento de mulheres em pautas semelhantes à representada na produção seja uma realidade ao redor do mundo²¹, a atuação feminina ativa em movimentos sociais de ódio ao diferente foi obliterada do campo enunciativo do qual a série faz parte.

No quesito da reação ao ódio, o enredo reproduziu alguns lugares-comuns, como a necessidade de que movimentos contra essa emoção se apresentem de maneira homogênea e completamente pacífica, abrindo mão de qualquer demonstração de raiva. A visão da raiva como inerentemente negativa e inútil politicamente foi difundida historicamente com objetivo de calar clamores por liberdade e ainda pode ser encontrada nos discursos produzidos atualmente, entre os quais a série *Supergirl* terminou por se alinhar.

²¹ Sobre a realidade norte-americana, ver: <https://midianinja.org/news/como-mulheres-brancas-tem-usado-seu-privilegio-para-acusar-homens-negros-injustamente/> e <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41978789>. Para os casos europeus, ver: <https://oglobo.globo.com/mundo/parlamentar-alema-da-ultradireita-investigada-por-tuites-xenofobicos-22246826>, <https://veja.abril.com.br/mundo/marine-le-pen-promete-suspender-toda-a-imigracao-na-franca/>, <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/40904/dinamarca-nova-presidente-do-parlamento-diz-que-imigrantes-se-reproduzem-como-coelhos>, entre outras.

A saída proposta pela narrativa para enfrentar o ódio foi o uso da informação. Este ponto de vista apresenta uma potencialidade interessante na medida em que reconhece que as emoções estão diretamente ligadas aos valores humanos e, portanto, trabalhar sobre as crenças dos indivíduos pode desconstruir emoções aversivas. O ódio, entretanto, se destaca por seu caráter irremediável. Se a retórica é uma forma poderosa para mobilizar esta emoção, não está claro que detenha o poder de desfazer uma aversão forte e estabelecida, sobretudo quando esta é utilizada para sustentar estruturas de dominação. Na verdade, se compreendemos que o ódio funcionou, diversas vezes ao longo da história, como ferramenta para exercício de poder, a própria narrativa de que seja viável acabar com esta emoção por meio do diálogo e retornar a um suposto estado de harmonia social cai por terra tão rápido quanto *Supergirl* em contato com kryptonita.

Resta aos futuros estudos sobre o ódio seguir investigando os significados difundidos socialmente acerca do tema e as soluções propostas para essa difícil questão. A série *Supergirl* escolheu terminar sua quarta temporada com um ar de esperança por dias melhores, em que nos veríamos livres do papel da aversão na vida política e cotidiana. Tanto a teoria sobre esta emoção quanto os acontecimentos vivenciados diariamente por grupos oprimidos ao redor do mundo indicam, porém, que um fim para o ódio parece estar mais distante da realidade do que a existência de seres dotados de superpoderes.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

ANJOS, Júlia. **Megeras (in)domadas**: discurso de ódio antifeminista nas redes sociais. Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BROWN, Jeffrey A. **Dangerous Curves**: Action Heroines, Gender, Fetishism, and Popular Culture. Jackson: University Press of Mississippi, 2011.

BRUDHOLM, Thomas. Hatred as an attitude. **Philosophical Papers**, v. 39, n. 3, 2010. p. 289-313.

CHAUVAUD, Frédéric; GAUSSOT, Ludovic (Orgs.). **La haine**: histoire et actualité. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008

COCCA, Carolyn. **Superwomen**: Gender, Power, and Representation. New York: Bloomsbury Academic, 2016.

CURTIS, Neal; CARDO, Valentina. Superheroes and third-wave feminism. **Feminist Media Studies**, 2017.

DAVIS, Angela. **Women, race and class**. New York: Vintage Books, 1983.

DOW, B. J. Hegemony, feminist criticism and the Mary Tyler Moore show. **Critical Studies in Media Communication**, v. 7, n. 3, p. 261-274, 1990

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos e técnicas de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

FREVERT, Ute. **Emotions in History**: lost and found. Budapest: Central European University Press, 2011.

GAY, Peter. **O cultivo do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOOKS, bell. **Killing rage**: ending racism. Nova Iorque: Owl Books, 1995.

KOLNAI, Aurel. The standard modes of aversion: fear, disgust and hatred. **Mind**, v. 107, n. 427, p. 581-596, 1998.

LEPOUTRE, Maxime. Rage inside the machine: Defending the place of anger in democratic speech. **Politics, Philosophy & Economics**, v. 17, n. 4, p. 398-426, 2018.

LEWIS, Clara S.. **Tough on hate?** The cultural politics of hate crimes. New Brunswick: Rutgers University Press, 2014.

LORDE, Audre. Eye to Eye: Black Women, Hatred, and Anger: Where does the pain go when it goes away? In: LORDE, Audre. **Sister outsider**: essays and speeches. Berkeley: Crossing Press, 1984.

LORDE, Audre. The Uses of Anger. **Women's Studies Quarterly**, v. 25, n. 1/2., 1997. p. 278-285.

LUTZ, Catherine. **Unnatural emotions**: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to western theory. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

MEDEIROS, Amanda. **“Devemos implodir o que resta de seus castelos”**: o Movimento Brasil Livre (MBL) e a mobilização política de emoções. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

NUSSBAUM, Martha. **Hiding from humanity**: disgust, shame, and the law. Nova Jersey: Princeton University Press, 2004.

RENDALL, Jane. **The origins of modern feminism**: women in Britain, France and the United States 1780-1860. London: The Macmillan Press LTD, 1985.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Unthinking Eurocentrism**: multiculturalism and the media. New York: Routledge, 2014.

STANTON, Elizabeth Cady; ANTHONY, Susan B.; GAGE, Matilda Joslyn (Orgs.). **History of Woman Suffrage**, volume I. New York: Fowler & Wells, 1889.

STERNBERG, Robert J.; STERNBERG, Karin. **The nature of hate**. New York: Cambridge University Press, 2008.

SUNDÉN, Jenny; PAASONEN, Susanna. Shameless hags and tolerance whores: feminist resistance and the affective circuits of online hate. **Feminist Media Studies**, 2018.

SUPERGIRL, quarta temporada. Desenvolvida por Greg Berlanti, Andrew Kreisberg e Ali Adler. **Netflix**. 2018.

THORUP, Mikkel. **Democratic Hatreds**: The making of the hating enemy in liberal democracy. In: BRUDHOLM, Thomas; JOHANSEN, Birgitte Schepelem (Orgs.). **Hate, politics, law: critical perspectives on combating hate**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 215 235.

WHILLOCK, R. K.; SLAYDEN, D. (ed.). **Hate speech**. Londres: Sage, 1995.

Recebido em 20 de junho de 2020

Aprovado em 23 de setembro de 2020